UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

FERNANDA AMANDA RODRIGUES VIEIRA

A INDEXAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE GOIÁS

Goiânia

2016

FERNANDA AMANDA RODRIGUES VIEIRA

A INDEXAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE GOIÁS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Informação e Comunicação- FIC, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profª. Drª. Maria de Fátima Garbelini

Goiânia

2016

Ficha catalográfica elaborada pela autora.

V 658 i Vieira, Fernanda Amanda Rodrigues.

A indexação do acervo fotográfico do Museu da Imagem e do Som de Goiás / Fernanda Amanda Rodrigues Vieira. – Goiânia, 2016.
56 f.: il.

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, 2016.
Orientação: Prof.ª Dr. Maria de Fátima Garbelini.

1.Indexação de imagens. 2.Fotografia. 3. Museu da Imagem e do Som de Goiás. I. Título.

CDU 025.4.05(084.12)

FERNANDA AMANDA RODRIGUES VIEIRA

A INDEXAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE GOIÁS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Faculdade de Informação e Comunicação- FIC da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado em ___ de _____ de _____ pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:

_____

Profª. Dra. Maria de Fátima Garbelini

Presidente da Banca

_____

Profª. Ms Lais Pereira de Oliveira

Membro Interno

A

Maria Marta, querida mãe, carinhosa e forte. Muito obrigada!

José Rodrigues, querido pai, de caráter notável e que muito me ensinou.

Vanessa, minha irmã a quem deixo meu exemplo.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para eu concluir essa etapa.

À minha mãe e ao meu pai que sempre me incentivaram a estudar e fazer um curso superior.

À minha irmã, pelo carinho.

À Regiane, pela amizade e pelas dicas de estudar e permanecer nos estudos.

À Jocélia em especial, que mesmo tendo nos conhecido no primeiro dia de aula parece que nos conhecemos há tempos. Obrigada por compartilhar momentos bons, engraçados e difíceis durante esses quatro anos de graduação.

À Grazy pelas risadas nada discretas.

À Dayane pela boa companhia e nossas conversas.

Especialmente a minha orientadora, professora Fátima, por ter aceitado esse desafio e por ter me auxiliado sobremaneira neste trabalho.

À bibliotecária Ana Márcia do CEDOC da Organização Jaime Câmara pela recepção no Centro de Documentação.

À Keith pela simpatia e confiança em permitir a realização desta pesquisa no MIS/GO.

À professora Lais por ter aceitado participar da minha banca.

RESUMO

Analisa a documentação audiovisual em especial a fotografia e apresenta a organização do documento fotográfico e o processo de indexação realizado no Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS/GO). Apresenta ainda alguns métodos de indexação de imagens descritos na literatura, assim como aborda conceitos fundamentais sobre: fotografia, indexação e indexação de imagens. Realizou-se uma pesquisa exploratória e aplicada, utilizando o método de estudo de caso. Foi realizada uma entrevista para conhecer a indexação realizada na instituição e identificou-se que o acervo do museu possui cerca de 120 mil fotografias e apenas 3829 imagens cadastradas no banco. Observou-se a similaridade entre as áreas da Museologia e da Biblioteconomia no que se refere ao tratamento de seus acervos, uma no sentido de preservar, a outra no sentido de disseminar, mas que ambas culminam na organização da informação para seus usuários.

Palavras-chave: Indexação de imagens. Fotografia. Museu da Imagem e do Som de Goiás.

ABSTRACT

The search is a study about audiovisual documentation in particular photography and presents how is put into practice the photografic document organization, with emphasis in indexation process executed in the Sound and Image Museum of Goiás (MIS/GO). It exposes also some describe methods of images indexation verified in the bibliography, just as it evidences fundamentals concepts about: photography, indexation, images indexation. An exploratory and applied research was conduced with qualitative approach, using a case study method. An interview was made to find out the indexation realized in the MIS/GO and was identified that collection of the museum has approximately one hundred and twenty thousand photography but only 3829 images indexed in image bank. The similarity between the areas of Museology and librarianship was observed in relation to the treatment of their collections, one in the sense of preserving the other in the sense of dissemination, but both culminates in the organization of information for its users.

Keywords: Images indexation. Photography. Museum of Image and Sound of Goiás.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Câmara escura 17
Quadro 1 Representação do conteúdo das imagens 22
Quadro 2 Método de indexação de imagens 23
Quadro 3 Níveis de análise de imagens 24
Quadro 4 Análise primária 25
Quadro 5 Análise secundária 26
Quadro 6 Análise complementar: Fase E e F 27
Quadro 7 Análise complementar: Fase G 28
Quadro 8 Pesquisa histórica 28
Quadro 9 Campos do banco AXIS 37
Figura 2 Ficha de identificação 44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIC – Faculdade de Informação e Comunicação

MIS/GO – Museu da Imagem e do Som de Goiás

CEDOC – Centro de Documentação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 REVISÃO DE LITERATURA 14
2.1 O CONCEITO DE DOCUMENTO 14
2.2 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO 16
2.3 TRATAMENTO TÉCNICO DO DOCUMENTO FOTOGRÁFICO 18
2.3.1 Análise e descrição da imagem fotográfica 20
2.3.2 Indexação 28
2.3.3 Indexação de imagens 32
3 METODOLOGIA 35
3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA 35
3.1.1 Museu da Imagem e do Som de Goiás: histórico 35
3.1.2 Público-alvo 37
3.1.3 Acervo 37
3.1.4 Serviços oferecidos 38
3. 2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA 38
3.3 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS 39
3.4 ETAPAS DA PESQUISA 41
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS 42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 48
REFERÊNCIAS 50
ANEXO A 54
ANEXO B 55
ANEXO C 56

1 INTRODUÇÃO

Estudar a fotografia foi um desejo que nasceu pela curiosidade e pela empatia por esse documento. Nas palavras de Nunes (2010, p. 52) “as imagens [...] constituem uma preciosa fonte de informação que, a cada dia, é mais visitada e explorada pelas mais diversas disciplinas [...]”, o que faz com que dados sejam contestados e até mesmo complementados por meio das imagens, conforme o autor.

A importância da imagem para uma determinada pessoa ou grupo de pessoas sugere que ela deva ser tratada de modo que possa ser recuperada por quem a procura. Por isso, a indexação de imagens tem extrema importância e representa um processo que exige exaustão do profissional que a realiza, além de ser um processo subjetivo, fator que influencia no momento da escolha de descritores. A indexação consiste no processo de atribuição de termos (palavras-chave) ao documento de forma que tais palavras devam representar o assunto principal do documento. Sendo assim, a imagem deve ser tratada com um olhar especial no ato da indexação uma vez que nesse tipo de documento o processo de indexar é mais complexo e envolve mais cuidado (HINGST, 2011).

Maimone (2007 p.44) diz sobre a relevância do tratamento de imagens:

> uma imagem, ou mais especificamente uma obra de arte pictórica como qualquer outro documento, é fonte de informação, ou seja, contém informações passíveis de tratamento, organização e representação de maneira que possibilitem seu acesso e recuperação, para fins de geração de novos conhecimentos ou complementação dos já existentes.

A escolha por realizar esta pesquisa no MIS/GO Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS/GO) se deu por conta de este possuir um grande acervo de fotografias, com aproximadamente 120 mil fotografias, além de ser o único museu do Estado de Goiás formado apenas por acervos audiovisuais, com documentos registrados em fotografias, áudio e vídeo. Outro fator na escolha do MIS-GO é devido a sua importância cultural e também por conta de seu valor histórico para o Estado, preservando e divulgando os acervos para a comunidade.

Este trabalho justifica-se pela importância do tratamento da informação, especialmente no caso das fotografias, que também devem ser tratadas assim como os demais documentos para sua recuperação. Sendo assim, esta pesquisa procurou conhecer como o MIS/GO realiza o tratamento das imagens fotográficas, uma vez

que estudos no campo de indexação de imagens são escassos. Dessa forma, pretende-se contribuir gerando mais estudos nesse campo assim como conhecê-lo mais que é um desafio para os profissionais da informação.

A dificuldade com a pouca bibliografia em relação à descrição de imagem representou um desafio no momento das buscas por referências bibliográficas para a elaboração deste estudo. Ao identificar isto, o desenvolvimento dessa pesquisa é uma tentativa de contribuição para a área da Ciência da Ciência da Informação, uma vez que há pouca literatura existente sobre indexação de imagens.

A indexação consiste em um processo complexo e quando o documento a ser indexado é uma imagem, a complexidade desse processo aumenta devido às características da imagem. Portanto o desenvolvimento desse estudo é de grande valia tendo em vista a contribuição desse processo para a recuperação da informação. De acordo com Manini (2010, p. 20) “há muito, ainda, a pesquisar, implementar e desenvolver na área de indexação de imagens”.

Diante do exposto, esta pesquisa pretendeu responder à seguinte questão: como é realizado o processo de indexação de imagens do Museu da Imagem e do Som de Goiás? Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é conhecer o processo de indexação de imagens realizado no Museu da Imagem e do Som de Goiás e os objetivos específicos são:

a) conhecer através da literatura da área os métodos ou processos para a indexação de imagens;
b) descrever o procedimento de indexação de imagens utilizado no Museu da Imagem e do Som de Goiás.

Em relação aos capítulos que compõem esta monografia, inicia-se o referencial teórico no capítulo II, onde se procurou descrever o conceito de documento, passando pelas áreas da Biblioteconomia e da Museologia, além de destacar também sobre a importância desse registro para a humanidade. No item 2.2 é apresentam-se sobre as origens do documento fotográfico na Revolução Industrial e relata-se também brevemente sobre a fotografia como documento. No capítulo 2.3 descrevem-se as técnicas do tratamento técnico do documento fotográfico ressaltando a necessidade da utilização de técnicas específicas voltadas

a imagem fotográfica. Aborda-se também no item 2.3.1 sobre a análise e descrição do documento fotográfico, verificando na literatura algumas técnicas para essa descrição de alguns autores da área. No item 2.3.2 mostra-se o conceito de indexação proposto por alguns autores importantes da área de indexação. Aprofunda-se no item 2.3.3 a temática da indexação voltada para as imagens considerando a visão de Smit (1996) e Manini (2010). Passa-se ao capítulo III em que é apresentada a metodologia utilizada nesta pesquisa, que é o método de estudo de caso, sendo uma pesquisa exploratória e aplicada com abordagem qualitativa. No capítulo IV apresenta-se os resultados da proposta da pesquisa. Por fim, as considerações finais são relatadas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com a revisão bibliográfica realizada para o estudo, apresentam-se os seguintes temas: documento, fotografia como documento, descrição das técnicas de tratamento da imagem, indexação e indexação de imagens.

2.1 O CONCEITO DE DOCUMENTO

O conceito de documento perpassa por diversas áreas do conhecimento como a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Museologia, entre outras, cada qual com suas definições conforme suas correntes de estudo. A história da humanidade ocorre por meio de registros, registros estes que percorreram longo caminho desde a antiguidade, com as inscrições primitivas em rochas, até a atualidade, com inúmeras possibilidades de deixar registradas as informações.

Percebe-se então que para deixar documentada a história da humanidade foi natural a evolução dos suportes da informação que agora, com os avanços da tecnologia, se desenvolvem continuamente. Ao passar por isso, verifica-se que a produção de documentos tem como função a transmissão da informação, como confirma Dumas (2012, p. 5):

> A geração dos documentos, qual seja sua utilidade futura, ou o suporte utilizado para a fixação do conteúdo, tem como caráter principal a possibilidade de transmissão de informação, que pode ser feita para o próprio autor do documento ou para que ele possa servir de fonte de informação a outros indivíduos ao longo do tempo.

Compreende-se na citação acima o quão importante é o documento para a sociedade, uma vez que a informação fixada por alguém pode servir de fonte para outros além de possibilitar que essa informação permaneça gerando conhecimentos por muito tempo. O interesse do homem em documentar as suas ações demonstra que ele deseja preservá-las e divulgá-las para que sejam conhecidas e estudadas por pesquisadores. Sendo assim, o documento passa a ser instrumento de memória para a comunidade.

Retornando ao parágrafo inicial deste capítulo, em que apontou-se como exemplo três grandes áreas em que o conceito de documento é aplicado, destaca-se que para esta pesquisa o conceito de documento foi observado nos campos da Biblioteconomia e da Museologia pois considerou-se de maior importância para os interesses desta pesquisa.

Dessa maneira, ao intentar buscar um conceito para o documento voltado a concepção da Biblioteconomia percebeu-se que este relaciona-se às coleções pertencentes ao acervo de uma biblioteca, fator observado por Orea (2006 apud TANUS; RENAU; ARAÚJO, 2012, p. 164) ao dizerem que “[...] o documento é compreendido a partir da ótica da coleção que integra o acervo de uma biblioteca”. De acordo com os autores, esta coleção dos acervos é formada, além dos livros, por outros tipos de documentos como “[...] publicações periódicas, folhetos, manuscritos, músicas impressas”, além dos documentos eletrônicos.

Infere-se a partir disso que o documento configura-se em vários elementos individuais que constituem o acervo de uma biblioteca e que podem ser caracterizados como livros, revistas, discos, que no todo, formam o que chamamos de biblioteca.

Outro aspecto identificado foi que o documento relacionado a biblioteca é formado devido a uma produção artística ou é resultado de uma pesquisa cujo propósito é a divulgação técnica, científica, etc. Nas palavras de Belloto (2004, apud ALBUQUERQUE, 2006, p. 35):

> Os documentos de biblioteca são resultado de uma criação artística ou de uma pesquisa e podem ainda objetivar a divulgação técnica, científica, humanística, filosófica etc. É material que trata de informar para instruir ou ensinar. Os documentos são gráficos, sejam eles impressos ou manuscritos, desenhos, mapas, plantas ou são material audiovisual. Sua forma usual é impressa e múltipla, isto é, a mesma obra pode existir em mais de uma biblioteca. São os documentos mais acessíveis e mais conhecidos do grande público.

Na Museologia, a concepção de alguns autores é que esta área compreende que o documento desmembra-se em objetos. Para Meneses (1998 apud TANUS; RENA; ARAÚJO, 2012, p. 167):

> [...] no objeto encerram-se as informações intrínsecas, aquelas que referenciam aos atributos físico-químicos (forma geométrica, cor, peso, textura, dureza, etc) e as informações extrínsecas, as quais são inferidas, dando origem aos discursos sobre o artefato, que podem ser falsos, enquanto sua integridade física corresponde à verdade objetiva.

Sendo assim, cabe ao historiador o papel de fazer a leitura das informações retiradas do objeto ou documento. A partir dos objetos materiais os historiadores podem reconstituir o modo de viver das pessoas no passado, verificar seus costumes, etc., ou seja, pode-se compreender determinada realidade histórica por meio de objetos. À vista disso, para Julião (2006), tem-se o entendimento do objeto como documento.

De acordo com Le Goff (1994 apud Tanus; Renau; Araújo, 2012) o documento é discutido como monumento. Julião (2006, p.100) ao escrever sobre o documento também ressalta a visão de Le Goff em relação a este objeto, ao dizer que: “[...] todo documento é monumento, a medida em que é um produto da sociedade, das relações de poder, que o selecionam e lhe atribuem algum valor, conferindo-lhe uma carga de intencionalidade”. O documento então, para o autor, vai além dos textos comuns e tal entendimento configura-se a partir do século XX época em que, conforme Tanus; Renau; Araújo (2012, p. 169) “[...] houve uma abertura do conceito de documento como monumento”, tal fato surpreendeu a área da História e dos museus, fazendo com que os objetos servissem como fonte de informação para pesquisas históricas.

2.2 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO

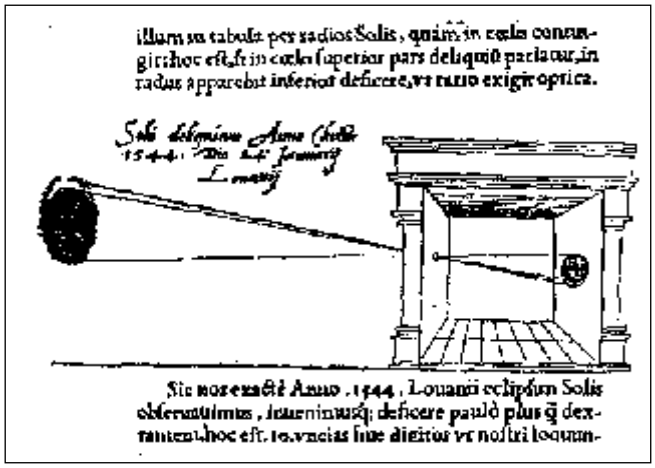
A fotografia teve origem no século XIX e para o seu desenvolvimento foi necessário que o homem utilizasse de suportes e desenvolvesse técnicas para registrar suas memórias (TOREZAN, 2007). Indicar apenas um nome de quem inventou a fotografia não é possível uma vez que “[...] convém precisar que a invenção é fruto de múltiplas tentativas ensaiadas na mesma época, nos campos físico e químico [...]” (SOUGEZ, 200, p.27).

Sougez (2001) apresenta os antecedentes da fotografia que foram, conforme a autora, frutos de laboriosas experiências até se chegar ao produto final. No período renascentista o desenho não era mais qualidade de quem possui habilidades naturais e esse fato influenciou no desenvolvimento de várias máquinas de desenhar divulgadas por Albrecht Dürer em 1535, além da invenção de outras ferramentas criadas por religiosos para a prática de desenhos. Outro invento que precedeu a fotografia foi a câmara lúcida que surgiu no início do século XIX e que foi aprimorada em relação às lentes esféricas que se utilizavam na época.

A câmara escura (Vide Figura 1) passa a ser usada no século XIII e consistia em:

> [...] um sistema simples, um singelo “quarto” escuro que tinha um pequeno orifício em uma das paredes e quando algum objeto era colocado do lado de fora, o mesmo era reproduzido invertidamente na parede oposta da câmara. Este pequeno “quarto” começa a diminuir de tamanho até tornar-se portátil sobre rodas, e posteriormente alcançando o tamanho de uma caixa grande (TOREZAN, 2007, p. 20).

Figura 1 – Câmara escura



Fonte: Disponível em: <http://www.cotianet.com.br/photo/hist/Images/h001.gif>. Acesso em: 11 ago. 2016.

A câmara escura foi evoluindo e teve várias aplicações segundo Torezan (2007, p. 21) como: “obter ‘cópias’ de objetos, paisagens e pessoas através da luminosidade”. Sua finalidade era a criação de desenhos realizados a partir dos contornos das sombras projetadas, ou seja, a imagem que era fixada era a que era desenhada à mão.

Porém, com os avanços de inúmeros estudos por diversas partes do mundo, quem se destacou foi o francês Niecpe, que conseguiu fixar a imagem por meio da ação do betume com a exposição da luz, surgindo assim a primeira fotografia, como detalha Jacob (2012, p. 25):

> A primeira fotografia como uma imagem fixa que se conhece foi tirada em 1826 pelo litógrafo francês Nicephore Niecpe, que a chamou de heliografia, ou seja, “escrita com luz solar”, tirada da janela do sótão da sua casa, após dez anos de estudos e experiências. Inicialmente suas experiências foram com betume da Judeia (verniz de asfalto), de secagem rápida quando exposto a luz, recoberta numa chapa metálica, em uma câmara escura, [...] o tempo de exposição era aproximadamente de oito horas e nas partes da placa que não era atingida pela luz, o betume era retirado com uma solução de essência de alfazema.

Sobre este invento Torezan (2007, p. 21) comenta:

> a palavra fotografia significa escrita com luz, e começou a ser usada quando esta invenção (registro mecânico de imagens) se tornou conhecida pelo mundo, tornando ilustres seus pioneiros. A invenção do registro de imagens de forma mecânica, no caso da fotografia, é praticamente uma evolução na maneira de obter ilustrações reais, já ansiadas por muito tempo e que naturalmente ocorreu em diversas partes do mundo quase simultaneamente. Porém os franceses Nièpce e Daguerre levaram os

> créditos pela invenção, que apesar de apresentar inúmeros indícios anteriores, só foi divulgada amplamente por volta de 1830.

O advento da fotografia ocorreu com a Revolução Industrial, período no qual ocorreram diversas mudanças significativas nos cenários econômico, social e cultural (KOSSOY, 2001). Conforme o autor, a fotografia cumpriria importante função como possibilidade de informação e conhecimento, além de servir como ferramenta de apoio e pesquisa nos campos da ciência, bem como uma forma de manifestação artística.

Ou seja, percebe-se que a fotografia apresenta-se com um propósito específico, de ser fonte de informação e também um meio de comunicação. A fotografia como documento é definida por Torezan (2007, p. 37) como "[...] aquela que tem 'valor' atribuído, tem caráter histórico e apresenta de certa forma, uma quase certeza de imagem do real". Sendo a fotografia uma fonte de informação o seu uso é para diversos fins seja para ficar na memória das pessoas como recordação, para publicidade e noticiário jornalístico, entre outros.

Para Rouillé (2009 apud VARHAU, 2014, p. 9) "informar foi uma das funções mais importantes atribuídas a fotografia-documento entre os anos de 1920 e a Guerra do Vietnã, período em que a fotografia criou um forte vínculo com a mídia impressa, período dominado pela figura mítica do fotorrepórter". Nesse sentido, a fotografia foi utilizada na imprensa com ilustração, como principal informação quanto ao texto ou para complementá-lo (RIBEIRO, 1991 apud TOREZAN, 2007, p. 39).

Como dito acima os temas das fotografias são diversos, mas no momento em que a fotografia ganhou destaque eram capturados pelos fotógrafos os feitos da sociedade, além de paisagens mais afastadas das grandes cidades.

2.3 TRATAMENTO TÉCNICO DO DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

Assim como outros documentos, a fotografia deve passar por etapas de tratamento técnico e entre estas a indexação se destaca por ser um processo complexo de atribuição de descritores e que demanda atenção por parte de quem o realiza. Esta etapa de tratamento é uma etapa desafiante, pois, devem-se considerar alguns fatores como: os usuários, a política de indexação da instituição, a linguagem de indexação, entre outros. Apesar dos desafios, representa uma fase

muito importante para a recuperação da informação devendo ser estudada com mais profundidade principalmente na área de imagens.

Segundo Coutinho (2009, p. 334) para se realizar a análise da imagem são necessárias algumas etapas:

> Para analisar uma imagem é preciso estabelecer um percurso que envolve algumas etapas ou procedimentos metodológicos. São eles a leitura, a interpretação e finalmente a síntese ou conclusão final. Um dos desafios da realização desse tipo de análise seria a necessidade de uma espécie de "tradução", isto é, a transposição de códigos visuais em signos linguísticos, já que a absoluta maioria dos trabalhos científicos deve ser apresentada no formato de texto.

Um aspecto interessante observado é que ainda que a fotografia necessite de um tratamento especial em relação ao texto, é necessária a utilização de signos linguísticos e expressões textuais para a representação da imagem para que fique padronizada.

Torezan (2007, p. 49) lembra que "sendo a fotografia um objeto de pesquisa de caráter interpretável, torna-se imediatamente estudo da Ciência da informação como fonte informacional a ser analisada e disponibilizada como qualquer outro documento". Mas Smit (1996, p. 29) alerta que "a representação da imagem fotográfica não pode ser pensada a partir de uma transposição automática dos procedimentos de Análise Documentária desenvolvidos para o texto [...]", uma vez que tratam de documentos diferentes que demandam técnicas de tratamento diferentes. Compreende-se que cada grupo de documentos requer um tratamento pensado em suas características, isto é, o texto com o seu tratamento e imagem da mesma maneira.

Sendo assim, Smit (1996) comenta que a fotografia, necessita de um tratamento especial, que supõe um conhecimento de sua essência, o conhecimento de por quê é produzida e em que condições será utilizada.

Torezan (2007, p.49) comenta sobre o uso da fotografia como fonte para se chegar ao conhecimento, caracterizando assim, a fotografia com a função documental. A autora diz que "é possível concluir que estudos científicos dentro dessa área de escopo crescem a cada dia e resultam em mais técnicas para disponibilizar organizada e sistematicamente este tipo de documentação".

2.3.1 Análise e descrição da imagem fotográfica

Optou-se por inserir o tópico de descrição da imagem porque este relaciona-se com a indexação de imagens no sentido de que em ambos os processos tem-se a extração de conceitos para a representação das imagens. O panorama da imagem fotográfica é discutido a partir de várias perspectivas ao longo da história pelos teóricos da fotografia. Em relação a isso, Smit (1996) comenta que justamente por haver várias abordagens sobre essa discussão, a fotografia apresenta uma linha evolutiva e é a partir daí que ela pode ser abordada.

Manini (2010, p. 17) destaca que "uma fotografia não é única: a ela sempre é possível relacionar uma outra, ou um texto, ou uma informação originária do repertório do receptor". Sendo assim, o receptor da imagem não é vazio, portanto, traz consigo suas perspectivas de mundo, expectativas e conhecimentos que lhe farão relacionar as imagens a outros objetos. Cada receptor poderá fazer uma leitura diferente de outro receptor e isso dependerá do contexto em que cada indivíduo está inserido e isso inclui também sua cultura.

A seguir são apresentadas algumas etapas para a descrição de imagens propostas por diferentes autores encontrados na literatura acerca da imagem.

Para a análise documentária da imagem, Smit (1996, 30) em *A representação da imagem* apresenta três níveis de análise elaborados por Panofky:

a) **nível pré-iconográfico**: nele são descritos, genericamente, os objetos e ações representados pela imagem;

b) **nível iconográfico:** estabelece o assunto secundário ou convencional ilustrado pela imagem. Trata-se, em suma, da determinação do significado mítico, abstrato ou simbólico da imagem, sintetizado a partir de seus elementos componentes, detectados pela análise pré-iconográfica;

c) **nível iconológico:** propõe uma interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem. A análise iconológica constrói-se a partir das anteriores, mas recebe fortes influências do conhecimento do analista sobre o ambiente cultural, artístico e social no qual a imagem foi gerada.

Shatford (1986 apud SMIT, 1996, p.31), diz que a imagem é ao mesmo tempo **específica** e **genérica**:

> a imagem de uma ponte, por exemplo, representa tanto a categoria genérica das pontes como também **- e forçosamente-** uma ponte em particular, por exemplo, a Ponte das Bandeiras, em São Paulo. Deduz-se daí que, idealmente, toda imagem deveria ser representada, tanto ao nível pré-iconológico (genérico) quanto ao iconográfico (específico), uma vez que o usuário poderá procurá-la, considerando qualquer um destes aspectos (SMIT, 1996, p. 31).

Os termos genérico e específico correspondem aos aspectos DE e SOBRE da imagem e em cada nível estes termos apresentam uma definição demonstrados por Shatford (1986 apud ESTORINIOLO FILHO, 2004, p. 27) como é exemplificado a seguir:

> [...] nos dois primeiros níveis de análise propostos por Panofsky, é possível descrever a imagem distinguindo dois aspectos:DE e SOBRE. No nível pré-iconográfico o ponto de vista DE é a descrição genérica dos objetos e eventos; e o SOBRE é a descrição do "espírito predominante" de uma imagem. No nível iconográfico o DE corresponde aos nomes específicos das pessoas, lugares, objetos e ações e eventos; enquanto que o SOBRE é uma identificação de seres míticos sem realidade concreta comprovada, de significados simbólicos e de conceitos abstratos. Os termos DE descrevem pessoas, locais, objetos, situações e ações que têm manifestação física; enquanto que os termos SOBRE compreendem aqueles que descrevem emoções (amor, tristeza) e conceitos/ideias (verdade, honra).

Para Kossoy (2002, apud ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 24) "[...] a fotografia esconde dentro de si uma trama [...] e propõe uma investigação da imagem (seja enquanto documento para investigação histórica, objeto de recordação ou elemento de ficção) sustentada pela análise e interpretação: a análise iconográfica e a interpretação iconológica". De acordo com o autor, na **análise iconográfica** tem-se duas linhas de análise para decifrar as informações que estão explícitas e implícitas na fotografia, que são:

> - a reconstituição do processo que originou a fotografia, determinando-se assim seus elementos constitutivos-assunto, fotógrafo, tecnologia, lugar e época.
> - um inventário de informações codificadas na imagem fotográfica, ou seja, os detalhes icônicos que a compõem.

Ao extrair essas informações tem-se dados que revelam a formação da fotografia e os detalhes icônicos que a formam.
Na **interpretação iconológica**, são apresentados dois caminhos (KOSSOY, 2002, apud ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 25): " o resgate da história do próprio assunto, seja no momento em que foi registrado ou independentemente da mesma representação; interpretar o processo de criação que resultou na imagem".

A interpretação iconológica é a etapa em que há a interpretação do significado da imagem, o seu “interior”. Porém, Smit (1996) adverte que a interpretação iconológica não é propícia ao universo documentário, uma vez que seu objetivo está fora da imagem. Gardin (1974 apud SMIT, 1996, p.31), acrescenta:

> a iconologia visa à elaboração de teorias, enquanto que as análises pré-iconográfica e iconográfica permanecem mais próximas da imagem, detalhando seus componentes (pré-iconografia) e nomeando seus agrupamentos (iconografia), configurando atividades de natureza documentária. A iconologia passa, então, a ser um objeto da História ou da Crítica da Arte, Antropologia, Sociologia, etc., e, portanto, não pertinente, para o universo documentário.

O quadro a seguir é resultado de uma proposta apresentada por Smit (1996), para a representação do conteúdo de imagens. As categorias (QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE) descritas no quadro para descrição de imagens também são usadas como parâmetros para análises de textos por muitos estudiosos.

Quadro 1 – Representação do conteúdo das imagens

CATEGORIAS	REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
QUEM	Identificação do objeto “enfocado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais etc.
ONDE	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria).
QUANDO	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex. 1996, noite, verão).
COMO/O QUE	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”, quando este é um ser vivo (p. ex. cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: Smit (1996, p. 32).

Estorniolo Filho (2004, p. 27) apresenta um método de indexação para descrever imagens. Esse método, segundo o autor, foi desenvolvido por Shatford (1986) baseada na Teoria de Panofsky, em que as categorias de indexação QUEM? ONDE? QUANDO? COMO/ O QUE? são dividas ainda sobre a perspectiva do DE genérico, DE específico e SOBRE e foram relacionadas no quadro a seguir composto por Smit (1996):

Quadro 2 – Método de indexação de imagens.

Categoria	Definição geral	DE genérico	DE específico	SOBRE
QUEM	Animado e inanimado, objetos e seres concretos	Esta imagem é de quem? de que objetos? De que seres?	De quem, especificamente, se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Ponte	Ponte das Bandeiras	Urbanização
	Exemplo			Arquitetura dos anos 40
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	Nome de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Selva	Amazonas	Paraíso (supõe um contexto que permita essa interpretação)
	Exemplo	Perfil de cidade	Paris	Monte Olimpo (como o exemplo anterior)
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes	Tempo cíclico	Tempo linear	Raramente utilizado, representa o tempo a manifestação de uma ideia abstrata ou símbolo?
	Exemplo	Primavera	1996	Esperança, fertilidade, juventude
O QUE	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções	Ações, eventos	Eventos individualmente nomeados	Que ideias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Morte	Pietá	Dor (emoção)
	Exemplo	Jogo de futebol (ação)	Copa do Mundo 1995	Esporte

Fonte: Smit (1996, apud ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 27)

Na visão de Moreiro Gonzáles e Robledano Arillo (2003, apud ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 25), para a análise do conteúdo da imagem devem ser considerados três níveis de análise: “Identificadora, Descritiva e Interpretativa”, observadas no quadro abaixo:

Quadro 3 – Níveis de análise de imagens

Função	Nível e Categoria		Descrição
Exemplos			
Identificadora	Biográfico	Introdução sobre a imagem como documento	Autor, data de criação, tamanho, cor, título, técnica empregada, local..
	Conteúdo estrutural	Objetos significativos e sua relação física na imagem	Tipos de objetos, composição, posição e tamanhos relativos...
Descritiva	Conteúdo de conjunto	Classificação genérica da imagem	Tipo de imagem: retrato, paisagem, documentário....
	Precisão dos objetos	Identificação de cada objeto	Nome próprio e detalhe de cada pessoa e de cada objeto
Interpretativa	Interpretação da imagem em conjunto	Disposição do conjunto	Palavra ou frase que resume a imagem: feliz, horrível...
	Interpretação dos objetos	Disposição dos objetos individuais	Alguém triunfante, alguém derrotado...

Fonte: (MOREIRO GONZÁLEZ e ROBLEDANO ARILLO, p. 15 apud ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 25).

Conforme Estorniolo Filho (2004, p. 26), esses autores propõem dois eixos para a “descrição e interpretação de imagens”: “a leitura do que se vê” e “a leitura do que se interpreta”. Na “leitura do que se vê” tem-se a representação dos aspectos temáticos da imagem, sendo esta representada por sua aparência (ESTORNIOLO FILHO, 2004). Sendo assim:

> Os autores especificam três níveis de significação: o que é evidente (descrição pré-iconográfica); o que é contextual (análise iconográfica) e o que é intrínseca e simbolicamente explicativo (interpretação iconográfica)- que correspondem, basicamente, aos dois primeiros níveis enunciados por Panofsky (pré-iconográfico e iconográfico) (Ibid., p. 26).

Para a “leitura do que se interpreta”, Moreiro González e Robledano Arillo (2003 apud ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 26) consideram o referencial pessoal do

documentalista, momento em que há uma intervenção pessoal deste ao “associar ao símbolo icônico um significado distante da relação código-mensagem” (ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 26). De acordo com o autor essa intervenção deve ser evitada para a análise de documentos científicos, mas deve ser explorada em publicidades, por exemplo. Neste caso, envolve a interpretação do sujeito que está fazendo a leitura da imagem, isto considera o conhecimento de mundo e suas perspectivas individuais.

Torezan (2007) também propõe etapas para a análise da imagem e descrição do documento fotográfico. As etapas apresentadas pela autora são: a **análise primária**, **análise secundária**, **análise complementar** e **pesquisa histórica**.

A **análise primária** de acordo com a autora é a observação da imagem. Nessa etapa é realizada a descrição de todos os elementos que são vistos na imagem (TOREZAN, 2007).

Sintetizando, a autora apresenta o seguinte quadro em que são propostas duas fases: **A** e **B.**

Quadro 4 – Análise primária

Fase	Como proceder	Exemplos
Fase A – Identificação geral	Nesta fase descrever tudo que está na imagem (por definição geral, tudo que é visível).	• Seres vivos em geral; • Objetos; • Cenário (localização espacial identificável); Outros dados relevantes.
Fase B – Resumo	Compilar dados obtidos na fase **A**	Realizar breve resumo e retirar palavras-chaves.

Fonte: Torezan (2007, p. 67).

Destaca-se nesta etapa tudo o que é aparente e explícito na fotografia. Quem realiza a análise irá descrever os aspectos perceptíveis da imagem.

A **análise secundária** é o momento em que os aspectos próprios da fotografia tornam-se mais específicos propiciando uma descrição mais aprofundada. Conforme a autora, nessa etapa muitas informações resultam do conhecimento do analista e também das fontes de informações utilizadas para a análise. Essas fontes podem ser:

a) Fotógrafos e pessoas em geral: história oral...
b) Bibliografias: livros, revistas e impressos em geral;
c) Fotografias: em geral;
d) Manuscritos: cartas, recados, anotações...;
e) Locais: acervos, arquivos, museus, bibliotecas;
f) Realização da Análise Complementar e da Pesquisa História
g) Outras fontes (TOREZAN, 2007, p. 65).

Torezan (2007, p. 70) estrutura essa etapa em duas fases: **C** e **B,** como mostra-se no quadro abaixo:

Quadro 5 – Análise secundária

Fase	Como proceder	Exemplos
Fase C– Identificação geral	Especificar o que já foi identificado na imagem na Fase A, tornando a descrição mais característica.	• Seres vivos em geral: nomes de pessoas, raças de animais, nome de plantas... • Objetos: especificar marcas, modelos e o que achar necessário... • Cenário (local exato): nome de avenidas, ruas, praças, estádios, escolas, cidades, países... • Referência temporal ampla e visível (referenciar se possível identificar, em dúvida nunca escrever).
Fase D – Resumo	Compilar dados obtidos na fase **C**	Realizar breve resumo e retirar palavras-chaves.

Fonte: Torezan (2007, p. 70).

Nesta etapa será destacado, por exemplo, não só um ser vivo, mas se atribuirá nomes aos seres ou coisas, porque essa já é uma análise mais específica em relação a anterior (análise primária).

Para se realizar a **análise complementar** é necessária a verificação dos elementos do documento fotográfico, de forma que “ contemple informações sobre o suporte e sobre supostos dados encontrados no mesmo e detalhes técnicos a respeito da produção da imagem. Esta análise divide-se em duas partes: Análise do suporte e Análise da produção técnica” (TOREZAN, 2007, p.65). Na *análise do suporte*, devem ser observado “elementos adicionais que foram agregados ao suporte, tais como, carimbos, selos, adesivos, dentre outros” (TOREZAN, 2007, p. 66). Para a autora devem ser considerados dados anotados na imagem como legendas, títulos, datas, assinaturas, etc. Na *análise da produção* devem ser levados em conta, segundo a autora, as informações técnicas como “ os efeitos especiais, condições de iluminação e outros detalhes que fazem parte do processo de produção, chegando muitas vezes a identificação do equipamento utilizado” (TOREZAN, 2007, p.66).

Essas observações são essenciais, pois auxiliarão no momento da descrição. As anotações encontradas no verso de uma fotografia, por exemplo, farão com que a fotografia seja melhor compreendida por serem informações que complementam a mesma.

Para a análise complementar a autora estruturou o quadro seguinte, apresentando três fases: **E, F e G.**

Quadro 6 – Análise complementar: Fase E e F

Fase	Como proceder	Exemplos
Fase E – Suporte da imagem (elementos agregados)	Identificar e/ou transcrever informações que constem no suporte fotográfico.	• Carimbos; • Dedicatórias • Assinaturas; • Outros.
Fase F (1 e 2) – Suporte da imagem (Composição química, condições físicas e estado de conservação)	• Identificar o material utilizado como suporte. • Relatar as condições de conservação do mesmo.	• Vidro, plásticos, composição química, tamanho... • Sujeira,rasgos, dobras..,

Fonte: Torezan (2007, p. 75).

Quadro 7 – Análise complementar: Fase G

Fase	Como proceder	Exemplos
Fase G – Produção Técnica	Identificar condições técnicas, muitas vezes visíveis na imagem, mas que fazem parte do conjunto de composição da ideia do fotógrafo e das condições que proporcionaram a realização da imagem.	• Câmeras usadas; • Lentes especiais; • Iluminação; • Foco; • Outros

Fonte: Torezan (2007, p. 75).

Por fim tem-se a **Pesquisa histórica** que é uma etapa muito importante para a análise da fotografia, pois, na falta de alguma informação "[...] esta pesquisa fornece os subsídios necessários para a compilação dos dados, o que muitas vezes é a ação primordial para documentar a imagem" (TOREZAN, 2007, p. 66).

A pesquisa histórica é um recurso essencial para o auxílio do analisador, caso ele necessite recorrer a fontes externas. Torezan (2007, p. 81) recomenda três fases para nessa pesquisa: **H, I e J.**

Quadro 8 – Pesquisa histórica

Fase	Como proceder	Exemplos
Fase H – Identificar a procedência, propriedade e utilização do documento.	Pesquisar	• Origem do documento; • A quem pertenceu; • Outros.
Fase I – Referencial temporal (linha do tempo)	Pesquisar	• Datas gerais
Fase J – Identificação de autoria	Pesquisar	• Nome do autor

Fonte: Torezan (2007, p. 81).

2.3.2 Indexação

A produção de registros documentais iniciada no decorrer da história da humanidade demonstrou o quão valioso é o seu registro para a transmissão da informação e à memória das pessoas. Essa produção aumentou exponencialmente

com o passar dos tempos e no cenário atual tende a crescer ainda mais, uma vez que os recursos tecnológicos propiciam tal crescimento devido à facilidade da criação de documentos em meio digital.

Dias e Naves (2013, p. 1) alegam que “esse aumento da quantidade de informação produzida no mundo e, por conseguinte, disponível para os interessados, tem se constituído num dos fatores principais de dificuldade para o trabalho de identificação e acesso a essas informações”. Conforme esses autores um usuário que tem uma necessidade de informação precisa identificar o que há de publicado que seja de seu interesse e selecionar dentre várias informações, as que de fato atendam às suas necessidades informacionais.

Sendo assim, foi necessário o desenvolvimento de “[...] informação sobre informação, ou seja, informações cujo objetivo é documentar os registros (livros, etc.) existentes nas várias áreas do conhecimento, suas características e onde esses documentos podem ser encontrados, entre outros detalhes [...]” (DIAS; NAVES, 2013, p. 2). Um dos processos que é utilizado em unidades de informação para identificar do que se trata um documento para que ele possa ser encontrado e acessado é a indexação.

De acordo com Dias e Naves (2007), a palavra indexação na perspectiva do tratamento da informação, apresenta dois sentidos. O primeiro corresponde à ação de elaborar índices e o segundo se refere à indexação de assunto dos documentos.

Faria e Pericão (2008 apud Santos 2011, p. 7) define a indexação da seguinte forma:

> A indexação é a operação que consiste em recuperar, selecionar e exprimir – por meio de termos pertencentes a uma ou várias linguagens documentárias – as informações contidas nos documentos. Trata-se de uma operação de descrição interna, cujo objeto é o conteúdo intelectual dos documentos. As principais etapas são a determinação do assunto ou dos assuntos fundamentais do documento – por meio dos cabeçalhos de assuntos e/ou tesauros da área específica –; a identificação dos elementos do conteúdo a descrever, a extração dos termos correspondentes; a verificação da pertinência dos termos; a sua tradução em linguagem documental; a verificação da adequação da descrição feita.

A partir da citação acima podemos verificar vários elementos que em seu conjunto envolvem a indexação. Primeiramente, pode-se identificar a função da indexação documentária, que seria a recuperação, a seleção e a representação das informações abrigadas no documento. Outro fator identificado é que para que ela desempenhe essas funções é necessário que pertença às linguagens

documentárias que podem ser várias como os tesauros, as ontologias, as taxonomias e outras. Além disso tem-se as etapas desse processo quais sejam: a identificação do assunto; a extração dos termos, a verificação da pertinência dos termos, a tradução e ainda a verificação da adequação dessa descrição.

Dentre os dois processos de tratamento da informação que são a descrição física e descrição temática, a indexação está contida no processo de descrição temática. O processo de descrição temática envolve o conteúdo do documento, ou seja, de seu assunto e tem como objetivo extrair o tema do documento por meio de termos.

Para Lancaster (2004) a indexação envolve duas fases principais que são: a análise conceitual e a tradução. Segundo esse autor a análise conceitual é o momento de descobrir o assunto do documento enquanto que a tradução é a atribuição de termos que representam o assunto do documento. Lancaster (2004) diz ainda que a indexação de assuntos é realizada de forma a responder as necessidades de cada grupo de usuários, isto é, não existe a atribuição correta de termos, uma vez que um mesmo documento pode ser indexado de forma diferente dependendo do interesse de cada grupo de usuários. Sendo assim, Lancaster (2004, p. 9) sugere que o "indexador [...] deve formular várias perguntas sobre um documento: 1. De que trata? 2. Por que foi incorporado a nosso acervo? 3. Quais de seus aspectos serão de interesse para nossos usuários?"

Essas observações são importantes para que a indexação seja feita com eficácia para atender as necessidades específicas dos usuários da informação. Bates (1998, apud Lancaster, 2004, p. 10) relata sobre a grande dificuldade do indexador:

> [...] o desafio para indexador é tentar antecipar quais os termos que as pessoas que possuem lacunas de informação de vários tipos procurariam nos casos em que o registro de que dispõem, de fato, fica a meio caminho de satisfazer a necessidade de informação do usuário. Quando se pensa em tal desafio, é possível perceber que se trata de algo muito peculiar. Quais os tipos de necessidades de informação que as pessoas teriam e as levariam a querer informações que o registro de fato, contém?

Então cabe ao indexador a reflexão para indexar de forma com que os termos usados possam responder as necessidades dos usuários considerando os vários tipos de necessidades desses usuários.

Baranow (1983, apud Araújo Júnior, 2007, p. 21) diz: "[...] a indexação é vista como um processo analítico onde aparece decomposta em duas etapas distintas:

descrição e representação [...]". A etapa da descrição, para o autor, corresponde a identificar, selecionar e analisar os conceitos que representam o assunto tratado no documento e a fase de representação diz respeito à tradução dos conceitos em termos de indexação, os descritores.

Percebe-se que assim como Lancaster (2004) Baranow (1983 apud ARAÚJO JÚNIOR, 2007) também classifica a indexação com duas etapas. Para Dias e Naves (2013, p. 5- 6) a indexação:

> é o termo mais usado para designar o trabalho de organização da informação quando realizado nos chamados serviços de indexação e resumos. Esses serviços têm por finalidade organizar informações referentes a artigos de periódicos, principalmente. Os produtos principais desses serviços são os índices/resumos, que tanto podem estar disponíveis em fontes impressas como em base de dados.

Dias e Naves (2013, p. 18) baseados em Chu e O'Brien (1993) apresentam a visão dessas autoras no processo de indexação. São eles:

> a) análise de assunto do texto;
> b) expressão do conteúdo do assunto nas palavras dos indexadores (linguagem natural);
> c) tradução para um vocabulário de indexação;
> d) expressão do assunto em termos de índice.

Para o tratamento da informação existem alguns instrumentos usados tanto para o tratamento descritivo quanto para o tratamento temático. No descritivo, os instrumentos são os códigos de catalogação e os formatos metadados. Para o tratamento temático da informação, têm-se as linguagens de indexação (DIAS; NAVES, 2013). Para os autores, esses instrumentos são cabeçalhos de assuntos, tesauros, Classificação Decimal de Dewey, normas para elaboração de resumos.

Lancaster (2004, p. 19) define um vocabulário controlado como "uma lista de termos autorizados". Tal lista de acordo com o autor não é somente uma simples lista, mas apresenta uma estrutura semântica que é necessária para o controle de sinônimos; diferenciar palavras com mesma grafia; ligar palavras que possuem relação entre si. Para o autor:

> são três os tipos principais de vocabulário controlados: esquemas de classificação bibliográfica (como a *Classificação Decimal de Dewey*), listas de cabeçalhos de assuntos e tesauros. Todos procuram apresentar os termos tanto alfabética quanto 'sistematicamente'. [...] Os três tipos de vocabulário controlam sinônimos, distinguem homógrafos e agrupam termos afins, mas empregam métodos um tanto diferentes para alcançar esses objetivos [...] (Ibid, p. 19-20).

Todos esses vocabulários são importantes para a recuperação da informação. Em síntese, a indexação compreende uma das principais fases do tratamento da informação, pois, é necessário representar a informação para recuperá-la. Sendo assim, é preciso de atenção por se tratar de um processo complexo e é necessário também ao indexador o conhecimento prévio da área do documento a ser indexado para facilitar no momento da interpretação e na atribuição das palavras-chaves.

Outro fator importante é que o indexador deve procurar saber as necessidades de seu público para indexar de maneira que os seus usuários encontrem o seu documento seja dentro de uma biblioteca, museu, banco de imagens, etc. Para o auxílio ao indexador, a elaboração de uma política de indexação também é relevante para se estabelecer um padrão a ser seguido no momento da indexação de forma que se tenha um guia para a eficácia desse processo.

2.3.3 Indexação de imagens

Para Smit (1996) a imagem fotográfica é estudada por diversas correntes do pensamento e por esse motivo torna-se difícil discutir sobre sua representação. Além disso, para a autora, a imagem fotográfica apresenta um percurso histórico e a partir desse fato é que a questão da fotografia pode ser abordada.

Dentre as várias abordagens, Smit (1996) cita a percepção de Dubois (1994) sobre a imagem fotográfica. Conforme Estorniolo Filho (2004, p.13):

> Philippe Dubois traça um percurso histórico das diversas posições defendidas no decorrer da história pelos críticos e teóricos da fotografia considerando o princípio da realidade, que é uma característica bastante marcante da imagem fotográfica. O autor ajusta a percepção da imagem ao seu uso, utilizando a teoria dos signos de Charles Peirce. De modo geral, esse percurso se articula em três momentos:
>
> - a fotografia como espelho do real;
> - a fotografia como transformação do real;
> - a fotografia como traço do real.

A primeira fase ocorreu no século XIX, momento em que a fotografia era vista como a reprodução do real (SMIT, 1996). Estorniolo Filho (2004, p. 14) acrescenta que “[...] era bastante comum a concepção de que a fotografia era a imitação mais perfeita da realidade [...]”. Esse efeito era percebido devido à própria característica técnica da máquina fotográfica, que por meio de processos físicos e químicos, dispensava o artista. Dubois (1994 apud ESTORNIOLO FILHO, 2004, p. 14), diz que

[...] “a fotografia surge como uma técnica [...]”, sendo ela um instrumento que tem uma função documental, “[...] utilizada principalmente nos retratos e nas tarefas de caráter científico [...]” enquanto que a arte, para o autor seria “como uma criação imaginária”.

Na segunda fase da imagem fotográfica, a imagem deixa de ser neutra e passa a ser uma ferramenta de transformação da realidade. Para Smit (1996, p.29), “[...] a fotografia deixa de ser espelho e passa a representar uma realidade relativisada pela codificação cultural e ideológica”. A última fase é a que a imagem fotográfica é apresentada como traço do real. Smit (1996) destaca que é uma fotografia que:

> [...] remete ao referente, mas que, livre da obsessão do ilusionismo mimético, incorporou a relatividade cultural da percepção da imagem. Esta imagem caracteriza-se por sua condição de índice, na conceituação peirceana: “a foto é, em primeiro lugar, índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo)” (DUBOIS,1994 apud SMIT, 1996, p.29).

Segundo Manini (2010) a realização da descrição ou do resumo de uma imagem constitui uma atividade muito diferente quando feita em textos escritos. Para ela os textos “trazem, já, palavras, tornando a escolha de termos mais rápida e objetiva” (MANINI, 2010, p. 19). Diante disso, a questão da representação da imagem traz consigo um nível de dificuldade maior e também demanda muita atenção a cada detalhe da imagem.

Nesse sentido, existem alguns pontos que representam essa dificuldade. Smit (1987, p. 106) relata sobre a “interpretação” da imagem e mostra que o bibliotecário tende a analisar fotografias por meio de termos abstratos, “esquecendo que a imagem dificilmente significa, de forma unívoca, um termo abstrato”. Esse fator pode ser negativo, uma vez que essa descrição limita o significado da imagem, fazendo com que possa ser lida de uma única maneira deixando de lado várias outras possibilidades.

Outro fator que representa dificuldade para a análise de imagens é a conotação e a denotação. De acordo com Smit (1996, p. 108) a denotação é “o que a imagem mostra” enquanto que a conotação é “o que a sociedade – e o bibliotecário – veem, ou querem ver, na imagem”. A polissemia da imagem também é ressaltada por Manini (2010, p.19). A autora questiona “o que privilegiar? O que preterir? Que critérios utilizar?” na escolha dos termos para a descrição. Já Smit

(1996, p. 111) conclui que “se a descrição responde às perguntas QUEM (seres vivos), ONDE (ambiente), QUANDO (tempo), ONDE (espaço), O QUE (ação) e COMO (técnica), poderemos supor que nenhum detalhe realmente importante tenha sido esquecido”.

A imagem por se tratar de um documento iconográfico, apresenta características próprias e por esse motivo, as técnicas utilizadas para a representação de um documento textual, por exemplo, não são adequadas à descrição de imagens (SMIT, 1987). Smit (1996, p.28) destaca ainda que “os procedimentos de resumo indexação desenvolvidos para a informação textual não podem ser mecanicamente transpostos para o documento fotográfico”.

3 METODOLOGIA

Conforme Matias-Pereira (2007, p. 25) a metodologia “é o conjunto de métodos que cada ciência em particular põe em ação. [...] A sua finalidade é ajudar o pesquisador a compreender em termos mais amplos possíveis o processo de investigação científica [...]”.

A seguir será apresentado o campo de pesquisa, a classificação da pesquisa, isto é, o método de pesquisa utilizado para o desenvolvimento do estudo, assim como o instrumento e a técnica de coleta de dados e posteriormente as etapas da pesquisa.

3.1 DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O objeto do estudo foram as fotografias do banco de imagens do Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS/GO).

3.1.1 Museu da Imagem e do Som de Goiás: histórico

De acordo com Mendonça (2012), o Museu da Imagem do Som de Goiás (MIS Goiás) nasceu em 3 de maio de 1988. O MIS Goiás surge, conforme a autora, num contexto político favorável, além de ter contado com os esforços da classe museológica organizada daquela época.

> A gestão do governador Henrique Santillo [1988-1991] favoreceu o nascimento e a descentralização de instituições museológicas e centros culturais. Goiânia, a capital do Estado, foi a cidade que mais se beneficiou desse processo. Além do MIS, outros dois museus estaduais foram criados naquele período: o Museu de Arte Contemporânea e o Museu Pedro Ludovico (MENDONÇA, 2012, p. 305).

Segundo Mendonça (2012, p. 306) “o Museu da Imagem e do Som de Goiás foi criado através do decreto 3.055, de 3 de outubro de 1988, como unidade vinculada a Secretaria de Cultura do Estado de Goiás”. Ainda conforme a autora, o MIS Goiás surge com a proposta diferenciada de ser um museu especificamente com a missão de preservação dos acervos audiovisuais, juntamente com mais 12 museus brasileiros, diferentemente de outras instituições museológicas que somente usavam os recursos audiovisuais como complemento de seus acervos (Loc. cit).

Mendonça (2012) comenta que houve várias reuniões com as classes culturais de Goiás que tinham a inquietação em modernizar as ações de cultura no Estado. Então a partir disso, Sampaio (2012 apud Mendonça, 2012, p. 308) descreve com que missão o MIS surge para os municípios goianos:

> O museu veio [...] se inserindo nesse contexto de resgate da memória nacional, da memória estadual e da memória municipal. Quando [...] instalamos esse Museu da Imagem e do Som em Goiás, a [...] preocupação era a de que o museu funcionasse também como um polo irradiador para todos os municípios goianos (A. F. SAMPAIO, entrevista pessoal, abril 13, 2012, apud MENDONÇA, 2012, p. 308).

De acordo com Mendonça (2012, p. 309) foi estabelecida em maio de 1998 uma equipe em para a implantação do MIS Goiás. A referia equipe:

> elaborou e colocou em prática os projetos: **Criação e Implantação do Museu**, que previa a compra de equipamento, material de consumo e material permanente; **Aquisição do Acervo**, que previa a aquisição de discos, fitas cassete, fotos, slides e filmes; **Dinamização do Museu**, que previa a realização de exposições temporárias e a disponibilização dos acervos através de banco de dados; **Capacitação de Pessoal**, que previa a capacitação de profissionais nas áreas de museologia, cinema e som; e o projeto **Entorno do Museu**, que previa a produção de vídeos documentários reunindo os registros audiovisuais sobre a memória do bairro de Campinas, pesquisados e coletados durante a fase de pesquisa do projeto.

Mendonça (2012) relembra que o MIS Goiás foi criado sem acervos, diferente da maioria dos museus criados a partir de uma ou de diversas coleções. Quando o museu foi formado, foram enviadas várias cartas para diversas instituições de Goiás e do Brasil, com o objetivo de conseguir doações de fotografia, discos, etc. para a formação dos acervos.

Inicialmente o MIS Goiás foi instalado no bairro de Campinas como forma de homenagem ao primeiro bairro de Goiânia. Mendonça (2012, p. 305) acrescenta:

> O prédio foi adquirido pelo Estado e reformado para abrigar o MIS, a Orquestra Filarmônica, uma escola de dança, um refeitório e um dormitório para atender alunos que viessem do interior. O museu ocupava espaço privilegiado, com salas de exposição e reservas equipadas e climatizadas para a guarda de acervos audiovisuais.

O MIS Goiás está localizado na Praça Cívica e sua instalação neste local ocorreu em 1999. Ocupa dois pavilhões do Centro Cultural Marieta Telles Machado, no centro histórico de Goiânia (MENDONÇA, 2012).

3.1.2 Público-alvo

O Museu atende pesquisadores e usuários por meio da exibição de vídeos; da reprodução de cópias de vídeos produzidos pelo MIS; intercâmbio com escolas das redes estadual e municipal de ensino, etc. (GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte, 2015).

3.1.3 Acervo

Mendonça (2012, p. 306) lista a composição do acervo do MIS Goiás, que é formado pelos acervos “Fonográfico, Fotográfico, Videográfico, Cinematográfico e Bibliográfico e uma Área de Pesquisa Multimeios”. O acervo fotográfico, objeto desta pesquisa, é o maior em relação à quantidade de documentos, possuindo um total de cerca de 120 mil documentos, incluindo fotografias, slides e negativos. O acervo fonográfico possui 40 mil discos, distribuídos entre rotações, compactos e long-plays. O acervo videográfico é formado por aproximadamente 15 mil fitas magnéticas de vídeo e entre os formatos estão: U-Matic, digital, Betacam e VHS. O acervo cinematográfico é composto por 300 películas que foram doadas por colecionadores e instituições públicas.

Para a organização das fotografias no sistema, é utilizado pelo MIS Goiás o banco de imagens AXIS que contempla os seguintes campos:

Quadro 9 – Campos do banco AXIS

Autor	Anotações
Data	Referências
Município	Localização
Coleção	Conservação/Reprodução
Procedência	Tipo de Registro
Aquisição	Código
Descritores	Legenda
Histórico	Compilador
Bibliografia	Descritores

Fonte: elaborado pela autora (2016).

Possui um total de 3.829 imagens registradas distribuídas em negativos, cartões postais, fotografias, entre outras. É utilizado para a descrição física e

também para a indexação desses documentos. No total são 18 campos para a descrição. A descrição é realizada em um segundo momento, após a atribuição do número de registro ao documento assim que este chega ao Museu. O banco de imagens é o recurso tecnológico utilizado pelo MIS/GO para a recuperação e armazenamento das imagens em meio digital.

3.1.4 Serviços Oferecidos

Conforme informações extraídas do site da Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte, os serviços prestados no Museu da Imagem e do Som de Goiás são:

i. Exibição de vídeos para estudantes de nível fundamental, médio e superior, pesquisadores e usuários interessados;

ii. Viabilização de cópias de vídeos produzidos pelo MIS-GO;

iii. Intercâmbio com escolas das redes estadual e municipal de ensino, por meio de empréstimos de vídeo que complementam o conteúdo didático;

iv. Monitoramento em consultas ao Banco de Dados do Acervo Fotográfico e ao Banco de Dados do Acervo Fonográfico;

v. Audição de registros do Acervo Fonográfico;

vi. Viabilização de cópias digitais do Acervo Fotográfico;

vii. Promoção de oficinas nas áreas de conservação de documentos fotográficos, textuais e bibliográficos, organização documental, ação educativa, além de outras;

viii. Atendimento de visitas programadas;

ix. Serviço de atendimento na biblioteca;

x. Apoio técnico a instituições nas áreas de conservação de documentos fotográficos, textuais e bibliográficos.

(GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte. Museu da Imagem e do Som de Goiás. Goiânia, 2015).

3. 2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A classificação da pesquisa de acordo com Gil (2010) é segundo os seus objetivos gerais e também segundo o método utilizado. Em relação ao objetivo geral, a presente pesquisa apresenta-se como exploratória, que ainda segundo Gil (2010, p. 27)

> tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. [...] A coleta de dados pode ocorrer de diversas maneiras, mas geralmente envolve: 1. levantamento bibliográfico; 2. entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o assunto; e 3. análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Quanto ao método, esta pesquisa caracteriza-se como estudo de caso, que conforme Severino (2007, p. 121) é a "pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular". Para Gil (2010, p. 37), "consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]". Um dos propósitos do estudo de caso de acordo com Gil (2010) é descrever o cenário de determinado ambiente onde está sendo feita a pesquisa.

Em relação à natureza desta pesquisa, é aplicada e que de acordo com Matias-Pereira (2007, p.70) "tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos". Para Gil (2010, p. 27) tal pesquisa é voltada "[...] à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica".

A abordagem empregada é a qualitativa que segundo Goldenberg (1999, apud MATIAS-PEREIRA, 2010, p.71) "[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social e de uma organização etc.". Bogdan e Biklen (1994 apud BOAVENTURA, 2007, p.56) caracterizam:

> como fonte direta de dados no ambiente natural, constituindo-se o pesquisador no instrumento principal; é uma pesquisa descritiva, em que os investigadores, interessando-se mais pelo processo do que pelos resultados, examinam os dados de maneira indutiva e privilegiam o significado.

3.3 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 205) as técnicas de coletas de dados são "consideradas como um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, é, também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos. Correspondem, portanto, à parte prática da coleta de dados." Para as autoras, as técnicas possuem duas grandes separações, são elas: a documentação indireta que envolve a pesquisa documental e a bibliográfica e documentação direta que se divide em observação direta intensiva (observação e

entrevista) e observação direta extensiva (questionário, formulário, medidas de opinião, testes, etc.) (Ibid, p. 206).

Para este estudo e pesquisa, optou-se pela entrevista dirigida que possibilita compreender com profundidade as questões desejadas. Sendo assim, a entrevista foi realizada com a historiadora e diretora do MIS/GO Keith Tito (ANEXO C).

Marconi e Lakatos (2010, p. 205) definem a entrevista como sendo “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”. Segundo as autoras podem ser classificadas em: “Padronizada ou Estruturada, Despadronizada ou Não estruturada, Painel” (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Para Duarte (2010) a entrevista pode ser aberta, semi-aberta, fechada. Neste estudo e pesquisa, optou-se pela entrevista semi-aberta que segundo Duarte (2010, p. 66) é um “modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa”. A entrevista “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1990, p. 146 apud DUARTE, 2010, p. 66).

Outra técnica utilizada para esta pesquisa foi à observação. Para Marconi e Lakatos (2010, p.173) “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. De acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 31) “observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso”.

Das várias classificações de observação estabelecidas por Marconi e Lakatos (2010), a observação que se encaixa nesta pesquisa é a observação sistemática, que para as autoras, nesse tipo de observação “o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo e reconhecer possíveis erros [...]. Vários instrumentos podem ser utilizados na observação sistemática: quadros, anotações, dispositivos mecânicos, etc.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 176).

Foram realizadas algumas visitas no MIS/GO e na Organização Jaime Câmara para conhecer o processo de indexação. A visita no MIS ocorreu por meio

de agendamento prévio pela diretora do Museu. Foi possível observar todas as salas de reservas técnicas do Museu, por onde a fotografia passa desde a fase de higienização até a documentação.

A visita no Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara também foi agendada e ocorreu no segundo semestre de 2016. Essa visita na Organização Jaime Câmara muito contribuiu para o conhecimento do processo em outras instituições e este contato com o CEDOC possibilitou o descobrimento de outras experiências importantes para este estudo. O instrumento utilizado foi algumas anotações que permitiram reflexões quanto a indexação feita no CEDOC.

3.4 ETAPAS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se a princípio uma revisão de literatura abordando temáticas: da fotografia, do documento, processo de indexação e indexação de imagens. Utilizou-se principalmente, obras de autoras importantes na área como Johanna Smith e Miriam Paula Manini, entre outros. Utilizou-se também livros, monografias, dissertações, tese de doutorado, assim como pesquisas em bases de dados.

Outra etapa foi uma visita feita no CEDOC da Organização Jaime Câmara da TV Anhanguera filiada da Rede Globo, momento em que se conheceu como é realizada a inserção dos termos indexadores para as imagens de jornais locais como o *O Popular*, o *Jornal Daqui* e outros. A bibliotecária da unidade, Ana Márcia, com a vivência diária de inclusão dos termos, elaborou uma lista estruturada de termos para facilitar no momento da escolha dos termos de indexação, que é utilizada para a inserção de termos.

Realizou-se também duas visitas no Museu da Imagem e do Som de Goiás. No primeiro momento, a diretora do Museu apresentou as reservas técnicas dos cinco acervos que compõem o MIS/GO. As reservas técnicas são salas em que são feitos o tratamento e o armazenamento dos documentos. As fotografias são armazenadas em armários, protegidas da luz solar. Posteriormente, na outra visita, foi apresentado pela diretora do MIS/GO o banco de imagens do Museu e em seguida, realizou-se a entrevista que teve duração de aproximadamente 1 hora.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A princípio havia-se estabelecido como procedimento metodológico para a realização de algumas perguntas pré-elaboradas como guia para a entrevista. Porém, ao início da entrevista que foi realizada no dia 20 de outubro de 2016 com a diretora do MIS/GO, a mesma forneceu relatos dos procedimentos da indexação. Sendo assim, optou-se por descrever as informações fornecidas de acordo com as respostas da entrevistada.

Primeiramente a entrevistada informou como são organizados no sistema os campos do banco de imagens que apresentamos a seguir:

O **código** corresponde a um número de registro que é formado pela sigla do Museu (MIS), seguido de 5 números, acrescidos de 3 números caso pertença a algum álbum fotográfico. Exemplo: MIS01012-000;

A **data** é o dia em que a fotografia foi tirada. Caso não tenha certeza da data exata é colocado o ponto de interrogação “?”;

Município: Local onde a fotografia foi feita;

Legenda: campo que é livre para descrição. É preenchido conforme a sensibilidade do indexador e de seus conhecimentos prévios;

Autor: É preenchido com o nome do fotógrafo;

Coleção: Campo preenchido com o nome da instituição que fez a doação da fotografia. Por ex.: Coleção Museu \Zoroastro Artiaga;

Procedência: Campo que deve conter a informação de como a fotografia chegou ao Museu. Por ex.: Procedência Museu Zoroastro Artiaga;

Aquisição: Informação de como a fotografia foi adquirida. Por ex.: Compra, doação, empréstimo, etc.;

Tipo de Registro: Campo que corresponde ao tipo de material. Por ex.: Fotografia, Cartão-Postal, etc.;

Localização: Indica por meio do código da fotografia onde esta está localizada na reserva técnica. Por ex.: A7G3P67E4, que corresponde a: Armário 7, Gaveta 3; Prateleira 67; Envelope 4;

Bibliografia: Referência completa da fonte utilizada como consulta para auxílio na indexação.

Histórico: Breve resumo da coleção a qual a fotografia indexada pertence;

Compilador: Iniciais do nome do profissional que fez a indexação;

Descritores: os termos do glossário de descritores do MIS/GO;

Conservação/Reprodução: Indica onde está localizado na reserva técnica o documento original que foi reproduzido.

Anotações: Contém informações gerais sobre o fotógrafo e da pessoa fotografada, por exemplo;

Referências: Campo preenchido com informações gerais do tipo de documento consultado para a descrição da fotografia.

Nota-se que os campos se adequam às informações necessárias para as buscas nesse tipo de instituição – o museu. Por exemplo, possui o campo "conservação/reprodução" que não seria necessário caso a instituição fosse uma biblioteca. Além disso, o banco apresenta diversos campos, facilitando a inserção de informações imprescindíveis à descrição das imagens e também aos seus detalhes, possibilitando por meio dos detalhamentos desses campos mais pontos para a recuperação dos documentos.

A seguir apresentam-se as informações da entrevista fornecidas pela entrevistada:

PERGUNTA 1: Como é feita a organização das fotografias?

Primeiramente foi perguntado como é realizado a organização das fotografias. Em resposta a historiadora e diretora do Museu Keith Tito falou sobre todo o processo de tratamento da fotografia no MIS/GO. De acordo com a historiadora o processo inicial quando a fotografia chega no MIS (seja por doação, aquisição, troca, etc.) é a*conservação* que envolve higienização (podendo ser química ou mecânica).

Nessa fase os profissionais da área de conservação possuem uma ficha que é um diagnóstico e esta é preenchida com informações como o tamanho da fotografia e também indica o estado de conservação da fotografia. A segunda fase é a *documentação,* que de acordo com a historiadora, é o momento em que as informações da fotografia são inseridas no banco de dados e é estabelecido um número de registro para cada fotografia. Esse número de registro é formado pela sigla do Museu, com a sequencia de 5 números. Se ela pertencer a algum álbum fotográfico acrescenta-se mais 3 números, como mostra a figura abaixo:

Figura 2: Ficha de identificação

Fonte: Adaptado do software AXIS- Museu da Imagem e do Som de Goiás.

A atribuição do número de registro às fotografias do Museu demonstram o quão importante é essa etapa de tratamento dos documentos. Essa importância é reconhecida por algumas instituições que realizam esse tratamento ao estabeleceram algum tipo de organização para seus acervos. Em relação ao registro feito pelo Museu para a organização das fotografias, através de números, pode-se remeter às classificações com base numérica realizada pelas bibliotecas. Esse número de registro das fotografias do MIS/GO é a localização da fotografia na reserva técnica do Museu, semelhante aos números de classificação dos livros que direcionam também à sua localização física nas estantes.

Percebe-se que o tratamento dos documentos é realizado em um segundo momento uma vez que se a fotografia estiver em má estado de conservação ela não pode ser digitalizada para ser inserida no banco, pois, o manuseio das fotografias que estão em ruim estado de conservação pode danificá-las ainda mais.

PERGUNTA 2: Como é feita a escolha dos termos?

Existem dois campos para inserção de informações de descrição da fotografia. O campo *Legenda* e o campo *Descritores*. O campo da legenda engloba informações escritas que estão na própria fotografia, como anotações no verso ou

na frente do documento. De acordo com a historiadora caso não haja essas informações, o profissional deverá fazer um trabalho de pesquisa comparando a fotografia com outras, buscar informações em outros acervos, etc. Pode também reunir percepções do indexador sobre a imagem, seus conhecimentos que podem ser utilizados para auxiliar nesse momento.

De acordo com a diretora do MIS/GO o trabalho de pesquisa é realizado em todos os momentos em que uma informação não é encontrada. É um trabalho que envolve muita dedicação e cautela por se tratar de informações que devem ser confiáveis para o pesquisador.

O campo de descritores é o local onde são colocadas as palavras-chave extraídas do glossário e é por meio desse campo que as fotografias são buscadas e recuperadas. O pesquisador não tem acesso ao banco de imagens. Quem realiza as buscas são os profissionais responsáveis pela alimentação do banco. Ou seja, a busca pelo documento é feita através da mediação de um historiador ou por um profissional do Museu por meio do banco de imagens. Dessa maneira, a busca da fotografia é feita por meio da ferramenta *Filtrar*, em que deve-se inserir o sinal * seguido do termo para a busca. Os termos para a recuperação das imagens são os do glossário de descritores do museu, sendo também o autor da fotografia.

PERGUNTA 3: Segue alguma estrutura fixa?

Segundo a historiadora, a indexação é realizada com o Glossário de descritores, que é o documento que descreve os campos das palavras-chave. O glossário é dividido em 14 categorias sendo de: Espacialidade, Transporte, Infraestrutura urbana, Comunicação Visual, Obras de arte, Calamidades públicas, Infraestrutura rural, Documentos, Urbanização, Tipos Humanos, Mobiliário urbano, Eventos, Categorias de uso das edificações e Elementos da natureza. Essas categorias gerais são subdivididas ainda em outras. Por exemplo: a primeira categoria é a de espacialidade, que apresenta-se da seguinte forma:

1.ESPACIALIDADE

- **Vista aérea:** fotografia do logradouro a partir de uma altura de 50 metros (edifícios ou aeronaves);
- **Vista panorâmica:** fotografias reproduzindo o logradouro com grande amplitude;
- **Vista parcial:** fotografias que enfocam parcialmente o logradouro;

- **Vista interior:** fotografias da parte interna de um edifício ou tiradas no interior do edifício, tendo como foco pessoas, reuniões, etc.;
- **Vista pontual:** fotografias que enfocam uma determinada parte do edifício (fachada, lateral, etc.);
- **Estúdio:** fotografias a partir de poses em estúdio.

Após essa categoria, segue as outras 13 categorias com as respectivas subcategorias, em alguns casos.

Um dos objetivos da pesquisa era conhecer como o MIS/GO realiza a indexação das fotografias. Por meio dessa questão conseguiu-se identificar que esse processo é feito por meio de uma estrutura, o glossário de termos, que é uma ferramenta de organização. Observa-se então, o uso de um vocabulário controlado elaborado especificamente para o MIS/GO para a indexação de fotografias. Desde 1999 a equipe técnica do MIS/GO vem aperfeiçoando as categorias de acordo com as necessidades do Museu. O glossário foi construído a partir de dois documentos: a relação de descritores do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Módulo Militão e Luiz G. de Azevedo) e também do glossário de descritores do Instituto Cultural Itaú (Módulo fotografia do Banco de Dados Informatizado).

PERGUNTA 4: Tem limite de descritores?

Conforme dito pela historiadora a quantidade de descritores é estabelecidade de acordo com o documento descrito, isto é, os descritores são inseridos de acordo com informações da fotografia, podendo ser poucos ou muitos considerando esse aspecto. Sendo assim, a indexação pode ser exaustiva ou seletiva, a depender do documento.

Esse é um fator que muito pode influenciar na qualidade da recuperação da informação. Uma indexação com menos descritores ou pouco exaustiva, pode não trazer bons resultados na busca. No caso do museu, notou-se que não existe uma norma maior ou uma política que estabeleça a quantidade de descritores. Como foi dito pela entrevistada os termos pode ser colocados a medida em que o indexador achar necessário.

PERGUNTA 5: O banco contempla os campos necessários?

Segundo a entrevistada contempla, porém, ela considera que é limitado em relação a outros uma vez que se tivesse *intranet* o acesso poderia ocorrer em várias máquinas, não somente em uma como está atualmente.

O acesso de um técnico por vez ao banco de imagens é um fator limitante para a recuperação das fotográficas. Com essa limitação, somente um profissional poderá acessar o banco, uma vez que este é instalado em um computador, fazendo com que a busca seja mais lenta.

PERGUNTA 6: Permite que o indexador coloque termos que não pertencem ao glossário?

Não. O banco de dados é alimentado somente com os descritores do Glossário de descritores, para padronizar a indexação.

Assim, apesar de não haver uma política formal de indexação, há regras pré-estabelecidas para a inserção de termos no banco de imagens. Outro fator importante em relação a inserção de termos é que caso o profissional que estiver indexando no MIS/GO não encontre com as informações da própria fotografia alguns itens do campo para a descrição, realiza-se então o trabalho de pesquisa que foi uma das etapas para a análise da imagem encontrada na literatura.

Podemos relembrar a visão de Torezan (2007) que diz esta pesquisa é o subsídio para o indexador e foi falado pela historiadora do MIS/GO que esta pesquisa é muito comum no caso do MIS/GO pois muitas fotografias são antigas ou não possuem muitas informações no seu verso, por exemplo, o que dificulta a descrição.

PERGUNTA 7: O glossário consegue atender?

De acordo com a entrevistada o glossário consegue atender para a descrição das fotografias.

Percebeu-se por meio da literatura que as técnicas de indexação de imagens descritas se assemelham entre si, uma vez que são embasadas em autores clássicos da área como Panofsky, Smit entre outros. A indexação realizada no MIS, ainda que não utilize um modelo específico, corresponde aos principais pontos para as descrições da imagem verificados na literatura pertinente.

A ficha de identificação da fotografia (como pode-se ver no anexo A e B) é preenchida com as informações do tipo:

Objeto fotografado: Por ex.: Belkiss; Município: Local onde a fotografia foi feita – Goiânia; Data: 28 dez. 1941; Legenda: Belkiss vestida de rainha. Tais informações correspondem ao modelo proposto por Smit (1996) e composta por outras conforme a necessidade do MIS/GO.

Ainda há no Museu uma preocupação com o vocabulário para a indexação, utilizando o Glossário de termos, fator que é positivo, pois, gera um padrão que deve ser seguido, facilitando a consulta posterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia representa uma ponte entre o presente e o passado. Esse fato faz com que ela seja testemunho da realidade, servindo assim como fonte de informação. Dessa maneira, ela deve ser tratada para que possa ser utilizada para este fim. Encontrou-se na literatura algumas técnicas de a descrição de imagens para centros de informações, incluindo consequentemente os museus.

O propósito deste trabalho e pesquisa foi explorar e conhecer a literatura da área de indexação de imagens para identificar os métodos existentes e conhecer o processo realizado no MIS/GO. Tal propósito foi atingido através de leituras e buscas sobre a temática na literatura e representou uma experiência satisfatória especialmente ao se observar o empenho dos profissionais do MIS/GO em manter preservado e organizado seu acervo apesar das dificuldades. Outro objetivo proposto foi o de conhecer o procedimento de indexação das fotografias do MIS/GO, que foi obtido por meio das visitas realizadas no museu e também por meio da entrevista com a diretora do Museu. Dessa maneira, ressalta-se que este trabalho é um incentivo para novas publicações sobre o tema em consequência de que estudos nessa área no Brasil são escassos.

Mesmo com todo interesse da equipe do MIS/GO em relação ao trabalho de documentação, foi relatado pela diretora do Museu que o trabalho está sendo realizado aos poucos devido à escassez de recursos humanos. A princípio boa parte do acervo fotográfico estava digitalizado, porém, ocorreu que em uma manutenção do banco de imagens mal sucedida, perderam todos os registros das imagens, restando poucos que foram transferidos para o banco de imagens atual. O MIS/GO possui cerca de 120 mil fotografias e apenas 3829 imagens cadastradas no banco. A inserção das imagens no banco é importante, pois assim elas podem ser preservadas para serem recuperadas posteriormente.

Percebeu-se também que os profissionais responsáveis por essa parte do tratamento devem ter conhecimento da área e até mesmo buscar conhecê-la mais profundamente por se tratar de um campo que demanda muita atenção, paciência e dedicação.

Observou-se também a similaridade entre as áreas da Museologia e da Biblioteconomia no que se refere ao tratamento de seus acervos, uma no sentido de

preservar, a outra no sentido de disseminar, mas que ambas culminam na organização da informação para seus usuários.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. **Catalogação de documentos fotográficos em bibliotecas e arquivos:** uma aproximação comparativa dos códigos AACR2 e ISAD (G). 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2006.

ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique. Processo de indexação. In: _____. **Precisão no processo de busca e recuperação da informação**. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. cap 3.

BOAVENTURA, Edivaldo M. Metodologia de Pesquisa. In:_____. **Metodologia da pesquisa:** monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2007. cap.4.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Métodos e técnicas de pesquisa. In:_____. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. cap. 03.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009. cap. 21.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. O processo de tratamento temático. In:_____. **Análise de assunto:** teoria e prática. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. cap 2.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. Tratamento temático da informação. In:_____. **Análise de assunto:** teoria e prática. 2. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. cap 1.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2010. cap. 4.

DUMAS, Márcio Nicolau. **Uma busca por um conceito genérico de documento:** tipos e suportes. 2012. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Paraná. 2012.

ESTORNIOLO FILHO, José. **A representação da imagem:** indexação por conceito e por conteúdo. 2004. 78 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Escola de Comunicações e Arte, USP, São Paulo. 2004.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In:_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010. cap.4.

GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte. Museu da Imagem e do Som de Goiás. Goiânia, 2015.

HINGST, Thayse. **Análise da indexação de imagens fotográficas em um banco de imagens comercial.** Florianópolis: UFSC, 2011. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em:<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/117080/TCC_ThayseHingst.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 dez. 2015.

JACOB, Inês Cardoso. **Proposta de catalogação para a coleção de fotografias da escola municipal professor Moacir Monclar Brandão.** 2012. 76 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2012.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. **Caderno de Diretrizes Museológicas.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, p. 94-105.

KOSSOY, Boris. A “revolução documental” e a nova posição da fotografia. In:_____. **Fotografia e história**. 2.ed.São Paulo: Ateliê, 2001. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=lZ83IeRyy1oC&pg=PA31&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 jun.2016.

LANCASTER, F.W. **Indexação e resumos:** teoria e prática. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

MANINI, Miriam Paula. Leitura de informações imagéticas: ajustes ainda necessários ao “novo” paradigma. In: MANINI, Miriam Paula; MARQUES, Otacílio Guedes; MUNIZ, Nancy Campos. **Imagem, memória e informação.** Brasília, DF: Ícone Editora e Gráfica, 2010.

MAIMONE, Giovana Deliberali. **Estudo do tratamento de imagens artístico-pictóricas:** cenário paulista- análises e propostas. 2007. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 2007. Disponível em: <http:// http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=345>. Acesso em: 2 dez. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. In:_____. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. cap. 09.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Projeto e relatório de pesquisa. In:_____. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. cap. 10.

MATIAS-PEREIRA, José. Estrutura de um trabalho de pesquisa científica. In:_____. **Manual de metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: Atlas, 2007. cap 4.

MENDONÇA, Tânia Mara Quinta Aguiar de. **Museus da imagem e do som:** o desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil. 2012. 448 f. Tese (Doutorado em Museologia) – Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

NUNES, Paulo Monteiro. O que as imagens fazem. In: MANINI, Miriam Paula; MARQUES, Otacílio Guedes; MUNIZ, Nancy Campos. **Imagem, memória e informação.** Brasília, DF: Ícone Editora e Gráfica, 2010. cap 03.

PRIMEIRA ilustração publicada da Câmara Escura, 1545. Disponível em: <http://www.cotianet.com.br/photo/hist/Images/h001.gif>. Acesso em: 11 ago. 2016.

SANTOS, Gildenir Carolino. Indexação. In:_____. **Fontes de indexação para periódicos científicos:** um guia para bibliotecários e editores. Campinas: E-Color, 2011. cap 5.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e prática científica. In:_____. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. cap.3.

SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. In:_____. **Análise documentária:** a análise da síntese. 2. ed. Brasília: IBCT, 1987. Cap. 6.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare:** Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.28-36, jul/dez. 1996.

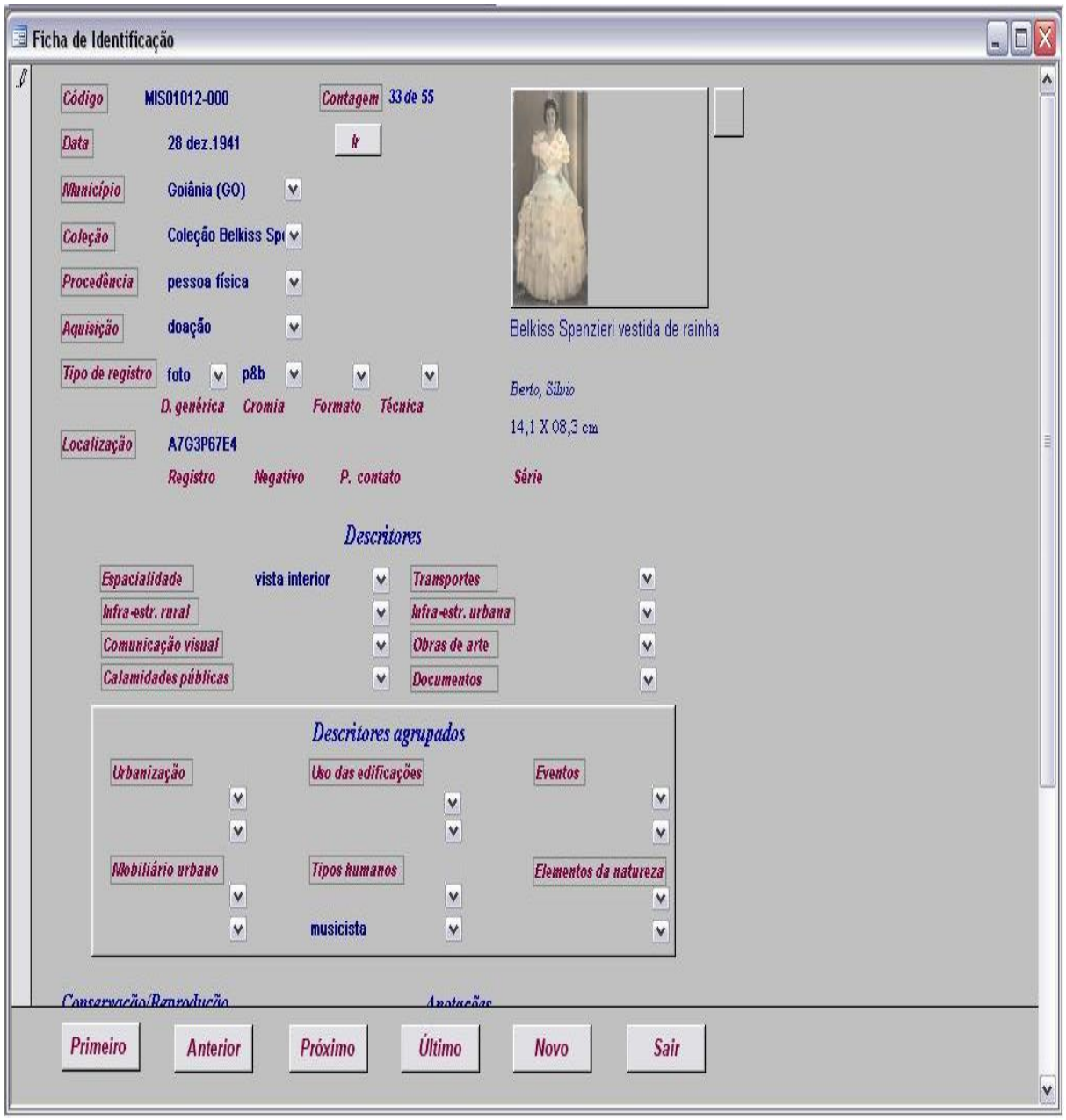
SOUGEZ, Marie-Loup. **História da fotografia**. Lisboa: Ediciones Cátedra, 2001.

TANUS, Gabrielle Francine de S.C; RENAU, Leonardo Vasconcelos; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O conceito de documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.8, n.2, p.158-174, jul./dez.2012.

TOREZAN, Isabela Mara Valle. **Fotografia e informação:** aspectos gerais de análise e indexação de imagem. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2007.

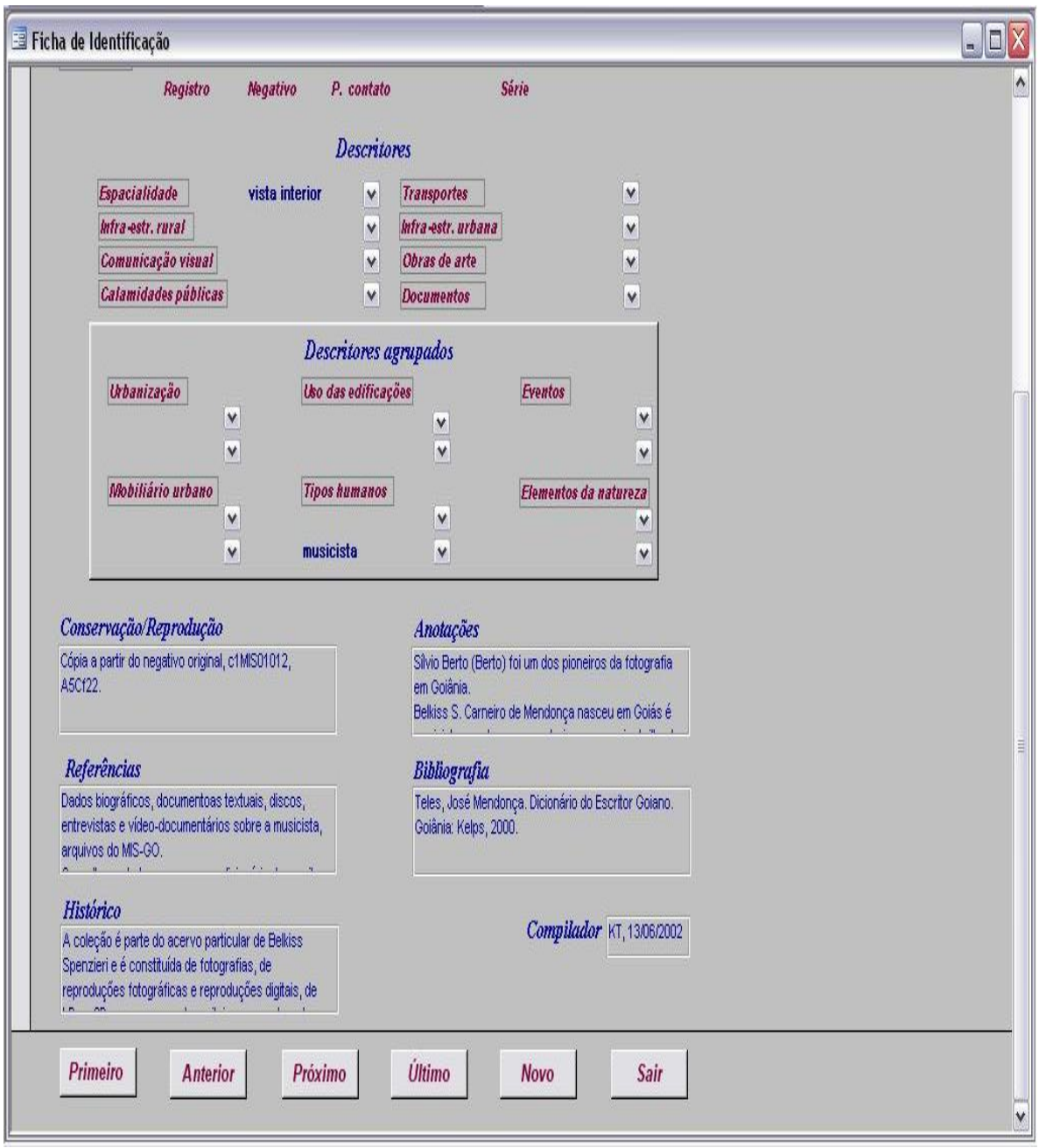
VARHAU, Viviane Gisele. **Análise e tematização da imagem fotográfica:** a dimensão expressiva em fotografias da Casa da Memória de Curitiba. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2014.

ANEXO A - Ficha de identificação- Parte 1



Fonte: Adaptado do software AXIS- Museu da Imagem e do Som de Goiás.

ANEXO B- Ficha de identificação- Parte 2



Fonte: Adaptado do software AXIS- Museu da Imagem e do Som de Goiás.

Anexo C – Roteiro da entrevista aplicada

1. Como é feita a organização das fotografia?
2. Como é feita a escolha dos termos?
3. Segue alguma estrutura fixa?
4. Tem limite de descritores?
5. O banco contempla os campos necessários?
6. Permite que o indexador coloque termos que não pertencem ao glossário?
7. O glossário consegue atender?